



NOS LAÇOS DA REPRESENTATIVIDADE COM A EQUIPE ENCRESCAMPOS: NARRATIVAS E MEMÓRIAS DE UM MOVIMENTO SOCIAL

*Adriana Pereira Santiago¹
Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil.*

*Eliedima Pires Duarte²
Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil.*

*Marwyn Soares de Souza³
Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil.*

Resumo: Este trabalho é um relato das experiências de um movimento social surgido na cidade de Campos dos Goytacazes, no interior do estado do Rio de Janeiro, que iniciou como um grupo de mulheres que desejavam discutir e criar uma rede de apoio para a valorização da autoestima e autoimagem de mulheres pretas, mas que, ao longo do tempo, conquistou narrativas e espaços políticos e deixou marcas simbólicas e reais em toda a cidade ao compartilhar experiências de racismo e de vivências que atravessam esses corpos.

Palavras-Chave: Memórias; Movimento Social; Autoimagem; Escrevivências.

THE BONDS OF REPRESENTATIVENESS WITH THE ENCRESCAMPOS TEAM: NARRATIVES AND MEMORIES OF A SOCIAL MOVEMENT

Abstract: This research is a report on experiences from a social movement that started in the city of Campos dos Goytacazes, inside Rio de Janeiro state, which began with a group of women who wanted to discuss and create a support network to praise self-esteem and

¹ Mãe solo de meninas; cozinheira; educadora social, transgênero e turbanista. Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil. E-mail: drykah.87@gmail.com ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3243-9096>

² Mãe solo de uma moça e dois adolescentes, assistente social pela UFF, pós-graduada em Políticas Públicas e artista plástica. Graduada em Designer Gráfico e pós-graduanda em Literatura, Memória Cultural e Sociedade pelo IFF; Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil. E-mail: eliepd18@gmail.com ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8174-9114>

³ Graduado em Psicologia pela Universidade Estácio de Sá (2021), pós-graduado em Psicopedagogia pela Faculdade Estratego (2022); pós-graduando Neuropsicopedagogia pela Faculdade Estratego (2022), pesquisador e psicólogo clínico em Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil. E-mail: marwynsouza@hotmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3964-7456>.

the self -image of black women, but through the years achieved narratives, political spaces, and left symbolic and real marks throughout the whole city when they shared their experiences of racism and living that cross their bodies.

Keywords: Memories; Social movement; Self image; Escreviência

EN LOS VÍNCULOS DE REPRESENTATIVIDAD CON EL EQUIPO ENCRESCAMPOS: NARRATIVAS Y MEMORIAS DE UN MOVIMIENTO SOCIAL

Resumen: El artículo es un relato de las experiencias de un movimiento social que surgió en la ciudad de Campos dos Goytacazes, pueblo del estado de Rio de Janeiro que inició con un grupo de mujeres que deseaban debatir y crear una red de apoyo para valoración del autoestima y autoimagen de mujeres negras, pero con el transcurso del tiempo conquistó narrativas, espacios políticos y dejó marcas simbólicas y reales en toda la ciudad al compartir de las experiencias del racismo y de las vivencias que cruzan esos cuerpos.

Palabras-Clave: Memorias; Movimiento Social; Autoimagen; ‘Escrevivências’; Escribir; Vivir.

DANS LES LIENS DE REPRESENTATIVITE AVEC L'EQUIPE ENCRESCAMPOS : RÉCITS ET MÉMOIRES D'UN MOUVEMENT SOCIAL.

Résumé: Ce travail est un récit des expériences d'un mouvement social qui a émergé dans la ville de Campos dos Goytacazes, à l'intérieur de l'État de Rio de Janeiro, qui a commencé avec un groupe de femmes qui voulaient discuter et créer un réseau de soutien pour la valorisation de l'estime de soi et de l'image de soi des femmes noires, mais qui au fil du temps ont conquis les récits, les espaces politiques et laissé des traces symboliques et réelles dans toute la ville en partageant les expériences du racisme et les expériences qui traversent ces corps.

Mots-clés: Mémoires ; mouvement social; Image de soi ; Escreviência.

INTRODUÇÃO

O EncresCampos foi um grupo criado em novembro de 2014, através da união de mulheres campistas que queriam dividir suas experiências e seus conhecimentos orgânicos sobre o cuidado e o uso do cabelo crespo e cacheado em sua forma natural. A princípio, eram encontros de mulheres para discutir sobre a questão estética, mas, com o tempo, o grupo, além de promover a discussão sobre a estética – cabelo -, passou a discutir temas ligados à cultura afro-brasileira e à promoção de ações (em mídias sociais e eventos públicos) para combater o preconceito, a pressão estética e o racismo.



A equipe, inicialmente constituída por mulheres dos mais diversos campos de formação e trabalho, começou a possibilitar, em seus encontros, a participação de homens, por compreender que eles são sujeitos que também deveriam estar incluídos nos debates e na construção dessa experiência da juventude crítica campista. No esboço deste relato, tentaremos, a partir da encruzilhada de memórias que conseguimos resgatar e através de algumas das lembranças dessa escrevivência, tornar possível o compartilhamento dessa história.

A fim, também, de organizar os pensamentos e as memórias, este relato está dividido em quatro partes principais sem que consigamos distinguir o início, o meio e o fim, por compreendermos que as memórias e a cronologia dos fatos e experiências podem se misturar. Sendo assim, tem-se: 1) o movimento de valorização da estética; 2) o movimento de construir e desconstruir em nós para nós; 3) criar um cenário-movimento pela mudança para os mais novos; e 4) o impacto da mudança e do reconhecimento do suor em prol do movimento de base.

O MOVIMENTO DE VALORIZAÇÃO DA ESTÉTICA

As primeiras mulheres a comporem o grupo EncresCampos já traziam uma bagagem de histórias marcadas pela construção dolorosa do processo de alisamento do cabelo crespo e cacheado presente em sua origem e família e nas mulheres, geralmente pretas, que a compunham. Nas primeiras rodas de conversa com essas mulheres, analisando e comparando os seus relatos a partir de suas memórias, elas expunham suas experiências com o uso de produtos químicos capilares (que muitas vezes deixavam feridas, provocando queda de cabelo), com o uso de aparelhos como o ferro quente (que além de queimar o couro cabeludo também queimava as orelhas, a testa e o próprio cabelo) e com o fato de sempre usarem o cabelo preso, por vergonha.

Todas essas maneiras de “contenção” do cabelo e suas formas seguiam sempre a mesma lógica e padrão: os efeitos do racismo na subjetividade, na autoestima e autoimagem dessas mulheres (e homens). Essas situações e cenas eram (e ainda são) muito comuns devido à historicidade de mulheres pretas e/ou mestiças da cidade de Campos dos Goytacazes - RJ e do país.

Com o propósito de desconstruir e construir outras possibilidades fora dessas lógicas hegemônicas (racista), algumas das mulheres que participavam ativamente do



grupo começaram a pesquisar, estudar e buscar referências de mulheres afro-americanas, afro-latinas, africanas e brasileiras para considerar como referências para a estética que elas também almejavam e consideravam como “estética natural”. De fato, pensar em possibilidades e desconstruções de padrões de beleza que foram construídos ao longo dos anos foi algo difícil e delicado. O intuito não era produzir mais pressão estética ou mais uma padronização da beleza, mas, sim, criar outras possibilidades e até mesmo construir outras formas de afetamento e vínculo com a autoestima e a própria imagem natural.

Os primeiros encontros aconteceram de forma leve e descontraída, em espaços públicos como o Jardim São Benedito e a Praça do Liceu, focando, naquele instante, em dicas de cuidados e beleza voltadas para a estética afro-brasileira. Porém, à medida que as conversas aconteciam, as falas transmitiam uma vivência em comum: o racismo. A partir desse momento foi necessário pensar e começar a aprender a lógica racial à brasileira.

Observou-se, então, a necessidade de ampliar o debate e fazer do grupo EncresCampos um espaço genuíno para falar da autoestima, valorizar as estéticas afro-brasileiras e a diversidade de ser de maneira mais autêntica. A partir desse despertar, começamos, em grupo, a questionar coisas simples do cotidiano: como conseguir um emprego com cabelo *black power* ou tranças? Como se apresentar em uma entrevista de emprego, sendo uma pessoa preta com tranças, barba e cabelo *black*? Em geral, os relatos que recebíamos dos integrantes e das pessoas que participavam das rodas de conversas nos espaços públicos eram sobre as piadas que ouviam dos entrevistadores e dos outros candidatos, ofensivas racistas e sexistas que acabavam por invisibilizar parte importante a ser considerada para a vaga do emprego ou até mesmo para a empresa.

O MOVIMENTO DE CONSTRUIR E DESCONSTRUIR EM NÓS PARA NÓS

Nossa trajetória progrediu para a aproximação dos homens que ficavam sabendo das rodas de conversas que promovíamos, surgindo então a necessidade de também debater os estereótipos produzidos pela sociedade acerca da figura masculina, principalmente do homem preto, além da criança preta, das particularidades que envolvem suas demandas, os seus afetos e a bagagem que esses homens e crianças carregam consigo na construção de sua identidade.

Algumas das mulheres que participavam do grupo já traziam consigo as demandas de ser mãe, de ser mãe solo (termo usado para substituir “mãe solteira”, pois a maternidade não tem nada a ver com o estado civil), de ser esposa ou de estar vivenciando um relacionamento inter-racial ou racializado. Dessa forma, foi preciso pensar, por exemplo, em como refletir sobre as relações inter-raciais; em como parceiros/as percebiam as experiências estéticas e raciais que os/as companheiros/as expressavam; se houve acolhimento por parte de parceiros; e em como os afetos e a sociedade percebiam ou recebiam esse relacionamento.

Para muitos dos homens pretos que começaram a integrar o grupo, uma situação que sempre era revivida e tematizada era sobre a construção daquilo que é esperado pela sociedade do ser-homem-preto e do que ela percebia como “natural”. Como exemplo, tem-se a hipersexualização do corpo preto, seja pelo porte físico – aqui pensando nos homens magros e sarados – ou com relação à fantasia em torno do “fetiche” do homem preto de pênis gigante. Outro assunto que às vezes aparecia estava ligado à paternidade e ao campo da presença e ausência desses sujeitos nas construções familiares e afetivas na infância e adolescência. Esses mesmos homens pretos também são considerados as maiores vítimas da violência urbana, o que se relaciona com a maneira que a sociedade produz, reproduz e vincula ao estereótipo, à autoimagem e à valorização dos corpos pretos na cidade: das experiências viscerais do racismo codificado.

Outra temática que fez parte das rodas de conversas com o EncresCampos dirigia-se às crianças pretas, que muitas vezes crescem sem representatividade infantil e adulta na TV, nos desenhos e nos brinquedos. Mesmo que os pais desejassem essa representatividade, aqui no Brasil ela era escassa, somente agora desponta uma movimentação, ainda tímida, para que a criança se enxergue nos espaços e narrativas.

A cada ação e atividade realizada com alegria, o grupo tornava-se um espaço seguro para histórias, experiências e desabafos. E muitas dessas vivências eram carregadas de emoção e do sentimento de compartilhar com seus pares as mesmas dores.

CRIAR UM CENÁRIO - MOVIMENTO PELA MUDANÇA PARA OS MAIS NOVOS

Pensando em espaços de acolhimento da afro-autoestima de mulheres, homens e crianças pretas foi que um novo projeto surgiu na cabeça da equipe EncresCampos.



Observando também a necessidade de aproximação de jovens, adultos e crianças para comungar e criar novas formas de afetos com a identidade étnica, criamos os encontros do levante o seu turbante e o desfile do EncreKids e EncresCampos, devido à necessidade de compreender que o público preto precisa desse espaço de valorização e de reafirmação de sua beleza.

Foi na angústia de escutar os relatos que a necessidade de agir se tornou iminente. E uma das formas de agir e combater o preconceito, o racismo, o *bullying*, a gordofobia e a homofobia era ir diretamente às escolas e dialogar com estudantes, professores, crianças, jovens e adultos, propondo e refletindo, interagindo, transgredindo padrões preestabelecidos daquilo que a sociedade branca e eurocêntrica nos ensinou como correto, certo e única possibilidade de ideal.

Nas escolas e universidades começamos a levar pequenas palestras que falavam muito das nossas experiências, das nossas bagagens e sobre, principalmente, como estamos nos permitindo quebrar padrões de beleza racializados e ressaltando a beleza de um cabelo crespo/cacheado natural. Tendo em vista que o ser é livre e nada o impede do uso de químicas quando o assunto é cabelo crespo e cacheado, o fato é que é preciso aprender, trocar e permitir que esses sujeitos, nossos pares – sejam eles mais novos ou mais velhos - não precisem ser reféns da química para que sejam belos, de um pente de ferro para manter os cabelos lisos ou da cabeça raspada para que estejam “apresentáveis” segundo uma lógica que nos diz – principalmente aos homens – que só assim teríamos aspecto limpo e higiênico.

O grupo sempre buscou a autoafirmação, ressaltando a valorização do cabelo crespo e cacheado e recusando a ditadura do cabelo liso como padrão de beleza. Incentivamos a quebra de paradigmas estéticos, perpassando pelo combate a todas as formas de preconceito, através da transmissão de informação que proporcione reflexão. Além disso, incentivamos o trabalho de conscientização infantil, de modo que as mulheres e homens de amanhã tenham referências nas quais possam se reconhecer.

IMPACTO DA MUDANÇA E DO RECONHECIMENTO DO SUOR EM PROL AO MOVIMENTO DE BASE

Entre as atividades realizadas, algumas são muito importantes para a equipe, como os convites de professores e de escolas públicas do município para ministrar rodas de

conversas e oficinas de tranças, turbantes e de adereços, além dos convites, pela prefeitura e pelas universidades, para realizarmos palestras. Uma das recordações foi a **I Semana Unificada do Negro – UFF/UENF**. O evento consistia em debates e palestras, articulando construções temáticas que discutiam o racismo estrutural, institucional e formas de enfrentamento de preconceitos. Foi nessa interação que conhecemos o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas, da UENF (NEABI), coordenado pela professora Maria Clareth Gonçalves Reis.

Após esse contato com a UENF e com os núcleos universitários, tivemos a oportunidade de receber outros convites para eventos ligados ao NEABI, com grande importância na nossa cidade, potencializando os saberes e sempre enaltecendo a cultura negra e indígena, carregadas de conhecimento e informação.

Podemos destacar a Oficina de Turbante, que ocorreu por ocasião do V aniversário do NEABI, realizada no dia 13 de setembro de 2017, no Centro de Convenções da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Foi gratificante discutir a representatividade de uma peça aparentemente estética, mas que carrega valores e tradições. Na ocasião, além de ensinar algumas amarrações, conversamos muito sobre a valorização da beleza preta brasileira como elemento de visibilidade e autoestima. Enfim, foi uma experiência ímpar, que nos trouxe muito aprendizado, além da imensa honra e alegria em contribuir.

Também recebemos convites para estar nas universidades federais e em outros municípios, como a cidade de Quissamã, onde conhecemos o famoso centro cultural da Machadinha e o quilombo da Machadinha, suas histórias, suas raízes, sua comida e tradições que ainda estão preservadas. Aprender com os mais velhos sobre o jongo, os contos históricos e sobre as pessoas que ali viveram (e ainda vivem) é manter presente a memória ancestral dessa parte do estado.

CONCLUSÃO

O EncresCampos foi um grupo sem fins lucrativos nem vínculos fixos com movimentos e instituições. Infelizmente, por diversos fatores (entre eles os gastos financeiros para realizar/participar das ações e a disponibilidade de tempo dos membros de sua organização), o projeto precisou “acabar”. Utilizamos as aspas, pois ainda são mantidas as páginas do Facebook e do Instagram (@encrescampos), bem como a



esperança de um retorno mais ativo. Acreditamos que o grupo deixou marcas muito bonitas na historiografia da cidade de Campos dos Goytacazes, do interior do Rio de Janeiro, sendo considerada a maior cidade em extensão territorial do estado. Acreditamos também que deixamos legados viscerais, orgânicos e acadêmicos, pois tivemos a nossa experiência enquanto grupo, sendo base de objeto de pesquisa compartilhada no campo acadêmico das universidades dessa região. Acreditamos, ainda, que essa experiência coletiva de desconstrução e reconstrução sempre possibilitou muita aprendizagem, tanto para cada um dos componentes desse grupo, como para aqueles que se permitiram e se colocaram abertos a escutar, ouvir e se aproximar e se assemelhar com cada narrativa que foi compartilhada ao longo desses anos.

Recebido em: 15/04/2022

Aceito em: 20/05/2022